



FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – FASA

CURSO: COMUNICAÇÃO SOCIAL

HABILITAÇÃO: JORNALISMO

**Criação da disciplina “Reportagem Cinematográfica”
no currículo do curso de Comunicação Social –
Jornalismo, do centro universitário UniCEUB.**

ANDRÉ LUIZ CORRÊA

RA 2046216/3

ORIENTADORA: RENATA INNECCO BITTENCOURT DE CARVALHO

Brasília/DF, outubro de 2007

ANDRÉ LUIZ CORRÊA

**CRIAÇÃO DA DISCIPLINA “REPORTAGEM
CINEMATOGRAFICA” NO CURRÍCULO DO CURSO DE
COMUNICAÇÃO SOCIAL – JORNALISMO, DO CENTRO
UNIVERSITÁRIO UNICEUB.**

Monografia apresentada como um dos requisitos para
conclusão do curso de Comunicação Social do
Centro Universitário de Brasília – UniCEUB

Orientadora: Renata Innecco Bittencourt de Carvalho

Brasília/DF, outubro de 2007

André Luiz Corrêa

**CRIAÇÃO DA DISCIPLINA “REPORTAGEM
CINEMATOGRAFICA” NO CURRÍCULO DO CURSO DE
COMUNICAÇÃO SOCIAL – JORNALISMO, DO CENTRO
UNIVERSITÁRIO UNICEUB.**

Monografia apresentada como um dos requisitos para
conclusão do curso de Comunicação Social do
Centro Universitário de Brasília – UniCEUB

Orientadora: Renata Innecco Bittencourt de Carvalho

Banca examinadora:

Profa. Renata Innecco Bittencourt de Carvalho

Orientadora

Prof. Bruno Assunção Nalon

Examinador

Prof. Alexandre Humberto Gonçalves Rocha

Examinador

Brasília/DF, outubro de 2007

RESUMO

O trabalho do repórter cinematográfico é diariamente visto e muitas vezes apreciado pelos telespectadores e jornalistas, porém no curso de jornalismo não há disciplina que trate do assunto de forma exclusiva. O presente trabalho lança luz sobre essa questão com a análise da proposta de criação da disciplina Reportagem Cinematográfica no currículo do curso de Comunicação Social – Jornalismo, do centro universitário UniCEUB.

SUMÁRIO

| | | |
|-----------|--|-----------|
| 1 | INTRODUÇÃO | 06 |
| 1.1 | CONTEXTUALIZAÇÃO DO ASSUNTO | 06 |
| 1.2 | JUSTIFICATIVAS | 08 |
| 1.3 | O PROBLEMA | 09 |
| 1.4 | OBJETIVO GERAL | 10 |
| 1.5 | HIPÓTESES | 10 |
| 1.6 | APRESENTAÇÃO DA ESTRUTURA E DA ORGANIZAÇÃO DA MONOGRAFIA | 11 |
| 1.6.1 | A TRAJETÓRIA DO REPÓRTE CINEMATAGRÁFICO E DA TELEVISÃO NO BRASIL | 11 |
| 1.6.2 | FORMAÇÃO ACADÊMICA DO JORNALISTA DE IMAGEM | 15 |
| 2. | EMBASAMENTO TEÓRICO | |
| 2.1.1 | REVISÃO BIBLIOGRÁFICA | 18 |
| 2.1.2 | FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA | 21 |
| 2.2 | DESCRIÇÃO DETALHADA DA METODOLOGIA | |
| 2.2.1 | FUNDAMENTAÇÃO DA METODOLOGIA UTILIZADA | 21 |
| 2.2.2 | PARADIGMA ESCOLHIDO | 21 |
| 2.2.3 | ESTRATÉGIA DE VERIFICAÇÃO UTILIZADA | 22 |
| 2.2.4 | INSTRUMENTOS | 22 |
| 2.2.5 | SUJEITOS | 23 |
| 2.2.6 | PROCEDIMENTOS/OPERACIONALIZAÇÃO | 23 |
| 2.2.6.1 | CRONOGRAMA | 23 |
| 2.3 | APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS | 24 |
| 2.3.1 | ANÁLISE DE DADOS | 24 |
| 3 | CONCLUSÃO | 26 |
| 4 | REFERÊNCIAS | 28 |

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo discutir a inclusão de disciplina no currículo do curso de Comunicação Social – jornalismo do centro universitário UniCEUB, que aborde a atuação do repórter cinematográfico, como quesito de relevante importância na formação de futuros jornalistas.

Antes de abordar o tema principal é importante a análise da trajetória do jornalismo televisivo no Brasil, assim como o desenvolvimento da televisão nos últimos cinquenta anos da TV brasileira.

Vale discorrer também sobre o papel do jornalista de imagem que engloba, além do repórter cinematográfico, o repórter fotográfico, o diagramador, o editor de vídeo, o ilustrador e o web designer, cuja função é criar páginas de *sites* na internet.

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO ASSUNTO

A atividade jornalística é complexa. Exige conhecimento amplo de inúmeros assuntos e também conhecimento específico dos mecanismos da profissão. Jornalistas são aquelas pessoas que, juntas, fazem a notícia chegar ao público. Repórter, fotógrafo, cinegrafista, editor, diagramador, ilustrador, colunista e outros tantos profissionais são responsáveis pelas informações textuais e sensoriais oferecidas ao público.

O Brasil é um dos poucos países que exige diplomação para o exercício regular do jornalismo escrito nas redações. Mesmo assim o Ministério do Trabalho e os sindicatos de jornalistas admitem que jornalistas de imagem (repórteres fotográficos, repórteres cinematográficos, diagramadores e ilustradores), obtenham registro profissional, dispensados da formação superior. Possivelmente esse fenômeno ocorre porque estes profissionais se responsabilizam pela informação visual. Atividade que exige conhecimentos técnicos do equipamento e criatividade lúdica, para dar à notícia uma aparência palatável que chame a atenção para o texto.

O repórter tem a missão de elaborar o texto seguindo as regras gramaticais da língua portuguesa. É ele quem procura as fontes, faz entrevistas e levanta dados, a fim de juntar informações que irão compor o texto da matéria. Tanto o jornalista de imagem quanto o repórter de texto encontram graus de dificuldade variáveis para a execução de suas tarefas. Ambos precisam conhecer as particularidades do jornalismo, adquiridas na faculdade ou no dia-a-dia das redações, como tem acontecido com os repórteres cinematográficos.

O desenvolvimento tecnológico e a grande oferta de mão de obra trouxeram uma nova realidade ao jornalismo. Hoje o computador é o ambiente comum para a produção de informações textuais e sensoriais. É nele que os textos são escritos, as fotos tratadas, os vídeos editados, as páginas diagramadas e as vinhetas de programas de televisão criadas. Este incrível instrumento revolucionou a forma de trabalhar e também as relações de trabalho. Profissionais foram substituídos pela máquina e funções passaram a ser acumuladas pelos jornalistas. Ao mesmo tempo as faculdades de jornalismo colocam legiões de jovens no mercado de trabalho todos os anos. Esses novos profissionais disputam as poucas vagas que surgem tanto como repórter de texto como de imagem.

Hoje já é comum, nos grandes veículos de comunicação, a seleção de jovens jornalistas para funções ligadas à imagem. O tempo em que esses profissionais eram formados no dia-a-dia da redação acabou. Atualmente, para ingressar na profissão de jornalista de imagem, as empresas exigem a graduação em jornalismo.

As mudanças provocadas pela tecnologia são profundas. Durante palestra o Secretário de Comunicação da Câmara dos Deputados alertou os futuros jornalistas da platéia: “Nos próximos concursos da Câmara o candidato terá que dominar o rádio, a televisão, o texto e a internet. Não haverá mais divisão de funções no preenchimento das vagas”. (informação verbal)¹

¹ Palestra feita em 18 de setembro de 2007, no centro universitário UniCEUB

Até experientes jornalistas, como os correspondentes internacionais precisam se adequar à nova realidade. Durante a guerra do Golfo, em 1991, quando tropas americanas desembarcaram no deserto para lutar contra os soldados iraquianos que invadiram o Kuwait, sob o comando de Saddam Hussein, a grande estrela dos telejornais foi o videofone levado pelos correspondentes. A novidade tecnológica mostrou ao mundo a ação militar americana. O jornalista era ao mesmo tempo repórter de texto e cinematográfico. (BRASIL, 2007, p 109)

O jornalista Antonio Cláudio Brasil conta a perplexidade dos soldados americanos quando uma granada, atirada por um soldado amigo, atingiu catorze fuzileiros. A imagem registrada por uma câmera de videofone mostrou que a guerra estaria longe de acabar. Para Brasil,

Jornalismo e videofone, com seu enorme potencial de mostrar qualquer parte do mundo sem o mínimo de controle das autoridades locais, são armas muito perigosas em uma guerra de poder e propaganda. (2007, p 110)

Em 2006 foi a vez do telefone celular com câmera filmar o enforcamento do ditador iraquiano. A partir daí os telejornais passaram a exibir imagens feitas através de câmeras de telefones celulares com pouca qualidade e muito impacto.

1.2 JUSTIFICATIVAS

O currículo do curso de Comunicação Social - jornalismo do UniCEUB revela a pouca importância dada a reportagem cinematográfica. Das 37 disciplinas oferecidas apenas três tratam diretamente do jornalismo de imagem. São elas: Planejamento gráfico, Editoração eletrônica e Fotojornalismo. A reportagem cinematográfica é comentada nas disciplinas Telejornalismo e

Redação para audiovisual superficialmente. Esse cenário deixa claro que o enfoque principal do curso é o texto, o que parece não ser suficiente para atender as demandas do mercado. Um exemplo é a Rede Globo que só contrata novos repórteres cinematográficos formados em jornalismo.

Atualmente o curso de jornalismo contempla as atividades do editor de arte, do diagramador e do repórter fotográfico. Todos jornalistas de imagem, indispensáveis à confecção do produto jornalístico. Porém, quando o assunto é mídia eletrônica os profissionais que cuidam das imagens não são lembrados. Mesmo dentro das redações eles são tratados como técnicos a serviço da redação. Equívoco grave, pois estes profissionais são tão jornalistas quanto os que atuam em mídias impressas.

O que seria do telejornal sem a participação do editor de vídeo, do repórter cinematográfico ou mesmo do profissional que cria as vinhetas e gráficos que ajudam o telespectador a entender melhor a notícia?

1.3 O PROBLEMA

A criação de uma nova disciplina para o currículo de jornalismo é antes de mais nada uma reflexão em torno dos novos desafios enfrentados na profissão.

O avanço tecnológico tem transformado o jornalista num profissional de múltiplas funções. Escrever passou a ser apenas uma das atividades ligadas ao jornalismo. A comunicação visual feita através da diagramação, da ilustração e da fotografia, todas ligadas ao jornalismo impresso, é outra função desempenhada pelo jornalista. Para estas já existe espaço reservado dentro do currículo de formação do jornalista.

Agora, com a consolidação da internet como veículo de informação, surge a necessidade de formar jornalistas preparados para atuar nas mídias eletrônicas. Sobretudo no que refere ao jornalismo audiovisual, representado aqui pela reportagem cinematográfica. Na internet é cada vez mais comum o uso de vídeos, seja para entretenimento ou para ilustrar matérias jornalísticas,

divulgadas em *sites* de provedores de internet ou empresas jornalísticas. Como acontece no Jornal de Brasília, que criou o Clica TV. Um *link* dentro do seu *site*, que permite ao internauta às assistir matérias no formato de televisão.

Outro sinal de novos tempos no jornalismo é a exigência do curso de graduação em jornalismo feita pelas emissoras de televisão, para a contratação de novos repórteres cinematográficos. Tudo isso aponta para a criação de uma disciplina que contemple as exigências do mercado.

1.4 OBJETIVO GERAL

O objetivo geral deste trabalho é a reflexão sobre os novos rumos que a reportagem cinematográfica segue, com a consolidação da internet como meio de comunicação de massa.

Profissão inicialmente restrita à TV, hoje a reportagem cinematográfica está presente em diversos *sites* de notícia. É através do olho de um repórter cinematográfico que se vê, muitas vezes em tempo real, os melhores lances de uma partida de futebol, o rosto do criminoso e as belas paisagens do planeta. O repórter cinematográfico é uma das testemunhas que, de olhos bem abertos, presencia os fatos que constroem a história.

1.5 HIPÓTESES

A criação de disciplina que discuta a reportagem cinematográfica e demais atividades ligadas à mídia eletrônica tem o propósito de preparar o futuro jornalista para os desafios que encontrará no mercado de trabalho. Cria espaço para experimentação de novas linguagens jornalísticas de cinegrafia, tanto para a televisão, como para a internet, meio que difere da tradicional programação fixa da televisão: na internet quem faz a programação é o usuário, e este pode, além de consumir informação, produzi-la para ser divulgada na rede.

A disciplina “Reportagem Cinematográfica” incentivará a reflexão sobre questões ligadas a cinematografia jornalística, apontar seus principais representantes e estilos de trabalho. Assuntos que são discutidos em rodas de profissionais, mas não chegam às salas de aula, no curso de Comunicação Social – Jornalismo.

1.6 APRESENTAÇÃO DA ESTRUTURA E DA ORGANIZAÇÃO DA MONOGRAFIA

Inicialmente este trabalho analisará a trajetória da televisão brasileira e suas transformações tecnológicas ao longo dos últimos cinquenta anos. Em seguida dedicará atenção quanto à formação acadêmica do jornalista de imagem, dentro do curso de jornalismo do centro universitário UniCEUB. Na seqüência apresentará argumentos que justifiquem a criação da disciplina Reportagem Cinematográfica. Para isso foi feita pesquisa de opinião, com a intenção de conhecer os argumentos dos profissionais que atuam na reportagem cinematográfica. Concluído o trabalho de argumentação, será o momento de analisar os dados e concluir o trabalho com a confirmação ou não das hipóteses apresentadas.

1.6.1 A TRAJETÓRIA DO REPÓRTER CINEMATOGRÁFICO E DO TELEJORNAL NO BRASIL

A literatura sobre a televisão é farta. Seus principais personagens e idealizadores são sempre citados, porém, do repórter cinematográfico pouco se fala. Em geral ele é classificado como técnico junto de iluminadores, contra-regras, técnicos de som e tantos outros profissionais.

A história da televisão brasileira inicia em 1950 com a inauguração da TV Tupi. O jornalista Assis Chateaubriant, na época dono de vários jornais e rádios, voltou de uma viagem aos Estados Unidos encantado com a nova tecnologia e decidiu implantar no país a novidade. Para isso teve de importar tudo. De equipamentos de estúdio a televisores. (MACHADO,1988, p. 108)

Os primeiros anos da televisão brasileira foram marcados pela improvisação. Os profissionais que cuidavam dos trabalhos técnicos vieram do rádio, os apresentadores e atores do teatro e os repórteres cinematográficos do cinema. As transmissões eram feitas ao vivo e a programação durava poucas horas. Os artistas e locutores de rádio ensaiavam suas falas e muitas vezes improvisavam no meio do programa. Nomes como Hebe Camargo e Lima Duarte estavam entre os pioneiros da televisão brasileira. A forte presença de profissionais do rádio na televisão provocou uma “supervalorização da palavra e o descaso com a imagem”. (ANDRADE, 2002, p.19)

O primeiro telejornal brasileiro foi transmitido no segundo dia de funcionamento da TV Tupi. Sem um formato definido, o “Imagens do Dia” repetia as matérias publicadas nos jornais e no rádio. Por conta das dificuldades técnicas o telejornal não tinha um horário fixo e entrava no ar entre 9:30h e 10h. As poucas imagens externas eram feitas com câmera de cinema e filmes fotossensíveis. As imagens não tinham som e eram narradas pelos apresentadores. (VALIM, 1998)

Em 1953 inicia o telejornal Repórter Esso, como o slogan: “Aqui fala o seu repórter Esso, testemunha ocular da história”. Programa de grande sucesso no rádio, que passou a ter notícias ilustradas com imagens em movimento. Três anos depois (1956) quando já haviam 140 mil televisores espalhados pelo país a TV tupi montou sua primeira unidade externa. O microônibus era equipado com câmera e antena parabólica que transmitia o sinal de vídeo por microondas. O Brasil entrava de vez na era da televisão. As antenas repetidoras enviavam o sinal de TV do Rio de Janeiro e São Paulo para Belo Horizonte, Curitiba, Porto Alegre, Fortaleza, Goiânia, Salvador, Recife, Campina Grande, São Luís e Belém. (VALIM, 1998)

Com o golpe militar de 1964 a televisão ganhou o forte apoio do governo. Os militares investiram na instalação de antenas de transmissão e financiaram a modernização dos equipamentos. Também criaram a Empresa Brasileira de telecomunicações – Embratel, para que o sinal via satélite pudesse chegar nos lugares mais afastados e proporcionar às TVs a programação em rede nacional. (MACHADO, 1988, p. 87)

Os primeiros operadores de câmera foram mandados pelas suas emissoras aos Estados Unidos. Lá aprenderam a trabalhar com o equipamento para em seguida ensinar seus colegas. O trabalho de operar as grandes e pesadas câmeras de estúdio equivalia ao de um técnico, pois apenas obedeciam às instruções do diretor do programa. Diferente dos cinegrafistas que filmavam com câmeras de cinema as imagens externas. Estes tinham a responsabilidade de produzir as imagens em filmes fotográficos de 16mm, que ilustravam as notas lidas pelo apresentador. (VALIM, 1998)

Surgiu daí a diferença entre cinegrafista e repórter cinematográfico. O cinegrafista seria o profissional de estúdio, operador de câmera comandado pelo editor, que indica os movimentos que devem ser feitos. Neste caso o cinegrafista possui mais características técnicas do que jornalísticas. Já o repórter cinematográfico seria o autor das imagens externas, que participa ativamente da reportagem e pode, inclusive, produzir uma matéria sem a presença repórter. Ele escolhe o enquadramento e demais particularidades da filmagem, as vezes orientado pelo repórter, porém é de sua responsabilidade o resultado das imagem. (Informação verbal) ²

A vida dos primeiros repórteres cinematográficos não era fácil. Para matérias corriqueiras eles dispunham de quatrocentos pés de filme, o que correspondia a doze minutos de filmagem. As cenas tinham que ser cuidadosamente escolhidas antes de filmar. Como se tratava de material fotossensível, era preciso revelar o filme primeiro, para então saber quais imagens seriam utilizadas.

Somente em 1958 é que foi possível gravar as imagens veiculadas na TV brasileira. O aparelho de videoteipe, mais conhecido como VT, gravava imagens em rolos de fita magnética. Foi usado pela primeira vez na apresentação da peça "O duelo" de Guimarães Rosa, durante o programa "TV de Vanguarda" transmitido pela TV Tupi de São Paulo. O VT gravava as imagens, mas não possibilitava a edição. Como a fita tinha capacidade de

² Relato feito durante entrevista realizada no dia 03 de outubro de 2007, na redação do canal ClicaTV.

armazenar apenas uma hora de gravação, o último capítulo da peça deve de ser feito ao vivo. (VALIM, 1998)

Foi na inauguração de Brasília, em 1960, que o VT passou a ser utilizado sistematicamente. O equipamento tinha dois metros de altura e as fitas de rolo eram grandes demais para serem usadas em reportagens externas. Assim, seu uso ficou restrito ao estúdio, a espetáculos e partidas de futebol, enquanto as câmeras de cinema continuavam produzindo nas imagens externas. Como nos filmes cinematográficos, as fitas de VT passaram a ser editadas na tesoura, o que provocava “saltos” nas imagens. (ANDRADE, 2002, p. 15)

Em 1970 a Sony colocou no mercado um novo sistema de filmagem: o U-Matic. Este sistema tinha a vantagem de ser mais ágil. O cinegrafista saía para rua acompanhado de um auxiliar, que carregava o VT ligado a câmera por um cabo. A fita magnética vinha num cassete e tinha duas bandas de som. Com o U-Matic o material filmado passou a ser editado na ilha de edição eletrônica, desenvolvida pela própria Sony. (VALIM, 1998)

No início dos anos 80 a Sony coloca no mercado profissional a Betacam. Filmadora que dispensa o VT. Pesada, mas de excelente qualidade, está filmadora teve mais duas versões de modernização e é ainda utilizada por muitas emissoras de TV. A Betacam aposentou de vez a câmera de cinema no telejornalismo. (VALIM, 1998)

Hoje as grandes emissoras de televisões trabalham com câmera e ilha de edição digital. Neste sistema as câmeras são mais leves e as imagens não perdem qualidade com o tempo. O som tem melhor qualidade e a edição das imagens é feita de forma não-linear, ou seja, sem a necessidade de avançar ou recuar a fita magnética. As imagens ficam armazenadas no disco rígido do computador e são editadas com o auxílio de software de edição de imagens. Outra vantagem do sistema digital é que, depois de editadas, as matérias ficam à disposição dos repórteres e editores nos seus respectivos computadores. Se for necessário podem ser reeditadas rapidamente, sem que o processo seja todo refeito, como acontecia na edição linear. A pesquisa com imagens digitais

arquivadas é mais rápida e pode ser feita pelo próprio repórter.

1.6.2 FORMAÇÃO ACADÊMICA DO JORNALISTA DE IMAGEM

Dentro do programa de ensino do curso de jornalismo do UniCEUB existem três disciplinas ligadas à discussão da imagem no jornalismo. São elas: Fotojornalismo, Planejamento Gráfico e Editoração Eletrônica.

Na disciplina Fotojornalismo é estudado a origem histórica da fotografia, seu uso na imprensa, a utilização de equipamentos fotográficos, noções de enquadramento e composição. Até o fim de 2006 eram dedicadas algumas horas-aula para o aprendizado de técnicas laboratoriais de revelação de filmes e cópias de fotos. Situação que não acontece mais, já que a fotografia jornalística abandonou o uso de filme fotográfico. Nesta disciplina também é discutida a questão da ética no jornalismo visual, o trabalho de grandes repórteres fotográficos e a edição fotográfica para o jornalismo. O aluno realiza atividades práticas, com o uso de câmeras fotográficas. É proposto um tema e este é desenvolvido através de imagens fotográficas. (UNICEUB, 2004)

A disciplina Planejamento Gráfico tem como objetivo desenvolver no aluno seu potencial criativo, voltado para a atividade jornalística. Introduce conhecimentos básicos de estética visual, artes gráficas, noções de cor e formas de diagramação no jornalismo brasileiro. É nesta disciplina que o aluno tem contato com softwares de editoração gráfica com o PageMaker e Photoshop. (UNICEUB, 2004)

A disciplina Editoração Eletrônica lança o futuro jornalista no mundo da diagramação. Segundo o conteúdo programático é nesta disciplina que são ministrados os conhecimentos de produção de *home-page*, com o uso de softwares específicos como o Flash e o DreamWeaver, além dos utilizados na disciplina Planejamento Gráfico. Porém, na prática o que é estudado é a diagramação digital de jornais e revistas. (UNICEUB, 2004)

Como se observa o curso de jornalismo do UniCEUB privilegia a formação de profissionais ligados à mídia impressa. Em disciplinas como Telejornalismo e Redação para Audiovisual o foco está na prática da redação,

na elaboração de conteúdo e na preparação de roteiros de telejornais. As questões relacionadas com a produção visual encontram espaço de discussão reduzido.

Na ementa da disciplina Telejornalismo figura o seguinte texto:

Conceito de telejornalismo. Linguagem audiovisual. A imagem: planos e enquadramentos. A produção de pautas, entrevistas, reportagens e noticiários. A direção. Redação para televisão, vídeo, documentário. O roteiro, storyboard eletrônico. Pós-produção: edição analógica, edição não-linear (digital). Processos eletrônicos de tratamento de imagem, efeitos especiais. Redação e edição de texto para telejornais. Os recursos técnicos. O áudio. Script de telejornais. Noções técnicas: equipamento de externa, câmera de estúdio, gravação de som, sistema de gravação; a transmissão por microondas e utilização de satélites. A técnica de reportagem e apresentação em TV. (UNICEUB, 2005)

Pela redação desta ementa a proposta desta monografia parece estar solucionada. Mas a redação não se aproxima da prática. Os conceitos propostos de “linguagem audiovisual; a imagem, seus planos e enquadramentos; as noções técnicas de equipamentos de externa, câmera de estúdio, transmissão por microondas e utilização de satélites”, não passam de observações sobre a ótica do repórter de texto. Tanto é que as imagens produzidas nesta disciplina são feitas por funcionários do UniCEUB. Cabe ao aluno redigir seu texto e apresentar-se diante da câmera. Mesmo na pós-produção o aluno apenas escolhe as imagens para sua matéria. Cabe a outro funcionário da instituição a edição propriamente dita.

Como o aluno de jornalismo irá escrever bem, sem exercitar o ato da escrita? A leitura, indiscutivelmente ajuda, mas somente a prática abrirá o caminho para um bom texto. Com a imagem temos a mesma situação. De que adiantaria discutir as formas e técnicas de fotografia, o trabalho de grandes fotógrafos, sem o exercício de apontar a câmera para um assunto e escolher o melhor enquadramento? É justamente por essa razão que existe a disciplina Fotojornalismo. Do contrário fotojornalismo poderia fazer parte de alguma outra disciplina como Técnicas de Entrevista, Apuração e Reportagem, Estética e

Cultura de Massa ou mesmo Semiótica. No entanto há uma disciplina exclusiva para a reportagem fotográfica, assim como há outra para editoração.

O estudo do jornalismo, tanto visual como textual, depende de prática, de contato com o futuro instrumento de trabalho. Caso contrário, o curso de jornalismo formaria pseudojornalistas: estudantes que conheceram as formas de fazer jornalismo, mas que jamais o fizeram na prática.

Um exemplo claro da necessidade da prática no estudo do jornalismo é a disciplina Jornal Laboratório. Nela o aluno exercita o que aprendeu ao longo dos semestres anteriores: a questão ética na hora de informar fatos verdadeiros, as técnicas de apuração e entrevista, a redação, o fotojornalismo, a diagramação, a arte. Enfim, é no jornal laboratório que se põe em prática o fazer jornalístico. Assim, definitivamente, não se vê resolvida a questão da reportagem cinematográfica na disciplina Telejornalismo.

É vasta a literatura sobre telejornalismo. Em geral os autores são jornalistas que trabalharam ou ainda trabalham em televisão e demonstram conhecimento íntimo na dinâmica do jornalismo eletrônico. Nessas publicações, o trabalho de captação de imagem, hora, é creditado ao cinegrafista, hora, ao repórter cinematográfico. A dificuldade em definir a denominação exata deste profissional continua quando são apontados os conhecimentos que devem ser adquiridos na formação acadêmica. Apesar de ressaltar a importância de boas imagens na ilustração das matérias e o valor de um bom repórter cinematográfico para o sucesso da reportagem, não se propõe uma discussão de como formar esse jornalista de imagem.

A jornalista Curado já trabalhou em jornais impressos e emissoras de TV. Foi chefe de reportagem da extinta Rede Manchete e editora de política do Jornal Nacional, o telejornal mais visto pelos telespectadores brasileiros, segundo o IBOPE. Para Curado, “no jornalismo de TV a imagem dá apóio, ou esclarece uma informação. Em situações contextualizadas, chega a dispensar qualquer texto”. A imagem só valerá mais que mil palavras quando a palavra já tiver sido dita previamente.

A jornalista é bastante didática no que refere a prática do jornalismo televisivo. Esclarece, de maneira exemplar, a função de cada profissional envolvido na produção de TV. Também reserva espaço para apontar o valor de boas imagens e os cuidados que o repórter cinematográfico deve ter ao produzir imagens.

Ao filmar, o repórter cinematográfico estará atento às normas técnicas que compõe a linguagem dos programas. Editores e emissoras têm opiniões e gostos quanto a linguagem apropriada para a câmera. Preferência à parte, é imprescindível o entendimento da cartilha cinematográfica pelo cinegrafista – e por quantos integrem a equipe. (CURADO, 2002, p. 107)

Mais à frente a jornalista explica como filmar entrevistados. Enumera os principais cuidados que o repórter cinematográfico precisa ter durante a captação de imagens, como “dar teto”; enquadrar a imagem entre as articulações naturais do corpo; desfocar objetos de fundo, para não desviar a atenção do telespectador para informações visuais indesejadas; cortes de planos: geral, médio, meio plano e close-up; movimentos de câmera e uso de lentes. Informações valiosas para o futuro jornalista, cujo objetivo é trabalhar numa redação de TV, e que sequer são mencionadas na ementa da disciplina Telejornalismo, do centro universitário Uniceub.

A criação da disciplina Reportagem Cinematográfica é uma necessidade não só para aqueles que desejam atuar no jornalismo de imagem, mas também para os que desejam atuar com repórter, ou simplesmente querem estar a par da linguagem visual televisiva.

2 EMBASAMENTO TEÓRICO

2.1 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Os textos que tratam das atividades desenvolvidas na televisão sempre apontam para a importância do repórter cinematográfico no sucesso da reportagem. Porém, não há registro de autores brasileiros ou traduções que se dedicam a falar particularmente desta atividade, como é o caso, por exemplo, da reportagem fotográfica. Nos livros editados no Brasil que tratam do

telejornalismo ou da televisão não há, ao menos, um capítulo dedicado à análise do papel desempenhado pelo repórter cinematográfico. O assunto aparece como acessório das atividades desenvolvidas pelo repórter ou pelos editores. O que mais se aproxima são explicações sobre os movimentos de câmera e o relacionamento que o repórter deve ter com o câmera. De resto, sobra um grande preconceito em relação à condição de jornalista atribuída ao repórter cinematográfico.

O jornalista Brasil teve a oportunidade de participar, durante um mês, da rotina do canal de televisão WPBF, que fica no estado da Florida, nos Estados Unidos. Desta experiência, ele destacou a seguinte observação:

Os cinegrafistas ou repórteres cinematográficos aqui são chamados *news photographers*, ou fotógrafos de notícias. Não são mais *news cameramen*. Mudaram a nomenclatura, mas o preconceito persiste. No dia-a-dia, ainda são chamados de *shooters*! Eles não participam das reuniões de pauta – os eventos mais importantes do dia! Mas há um chefe de cinegrafistas, veterano profissional, que sabe tudo de jornalismo local. Também pudera, é o jornalista que está há mais tempo na empresa. Igualzinho no Brasil, não é? (2007, p. 89)

A ausência de literatura voltada para os assuntos particulares da reportagem cinematográfica no Brasil indica, de certa forma, uma falta de interesse dos repórteres cinematográficos em discutir o assunto e publicar em livros, ou mesmo em artigos os resultados desta reflexão. Situação que acentua o preconceito e coloca o profissional como um simples apertador de botão, sem capacidade de interferir na produção jornalística. Nos Estados Unidos há uma maior preocupação por parte dos *news photographers*. Lá eles estão organizados em associações e contam com uma publicação mensal (*News Photographer Magazine*), que trata de questões ligadas a cinegrafia e a fotografia jornalística.

Para atender às necessidades de um trabalho científico é necessária a apresentação de visões anteriores sobre o assunto. No caso da reportagem cinematográfica estas “visões” existem e podem ser conhecidas. Basta levantar o assunto nos momentos em que os repórteres cinematográficos esperam para

entrar em ação. Porém, estas visões particulares são encaradas num trabalho que pretende ser científico como senso comum, contaminadas por opiniões construídas através de experiências empíricas vividas no dia-a-dia. Neste caso a subjetividade supera a objetividade. É o que ensina o português, doutor em sociologia, Santos:

Sendo um modelo global, a nova racionalidade científica é também um modelo totalitário, na medida em que nega o caráter racional a todas as formas de conhecimento que se não pautarem pelos seus princípios epistemológicos e pelas suas regras metodológicas. É estas a sua característica fundamental e a que melhor simboliza a ruptura do novo paradigma científico com os que o precedem. (Santos, 1987, p. 21)

Para tentar atender aos preceitos científicos a alternativa seria a literatura de cinema sobre o assunto. Caminho que se torna infrutífero, já que a cinematografia de cinema é uma vertente diferente da reportagem cinematográfica feita para telejornal. Esta tem seu foco nos fatos reais do cotidiano, procura retratar com exatidão o assunto noticioso, sem retoques ou truques de imagem.

No caso da cinematografia de cinema a câmera atende às determinações do roteiro, seja ele documentário ou ficção. O resultado visto na tela é fruto de um trabalho de equipe, formada pelo diretor do filme, o diretor de fotografia, o operador de câmera e seus assistentes, além dos atores e outros profissionais. Portanto, tentar encontrar na literatura de cinema argumentos para a reportagem cinematográfica, força o pesquisador a seguir por caminhos distantes do jornalismo.

Outra solução seria recorrer aos manuais das câmeras e acessórios utilizados pelo repórter cinematográfico. Neste caso o presente trabalho passaria a ser uma cartilha, recheada de informações técnicas e específicas de cada equipamento ou emissora, sem qualquer ligação com a atuação profissional, suas particularidades e dificuldades.

Certamente, o que se pretende neste trabalho é trazer à tona questões

que justifiquem a necessidade da criação de uma disciplina, cujo tema central é a reportagem cinematográfica e não as especificações técnicas de equipamentos.

2.1.1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Como foi já foi exposto a reportagem cinematográfica não possui no Brasil reflexões teóricas ou visão apoiada em critérios científicos, que possam servir de parâmetro para a fundamentação teórica. Apesar de sua importância reconhecida por autores que escrevem sobre o telejornalismo o assunto encontra-se desprovido de enunciados textuais que analisem em particular o tema.

2.2 DESCRIÇÃO DETALHADA DA METODOLOGIA

2.2.1 FUNDAMENTAÇÃO DA METODOLOGIA UTILIZADA

Para dar luz às questões relacionadas com a reportagem cinematográfica, este trabalho utilizou o questionário como instrumento de pesquisa. Esta escolha se baseia nos ensinamentos de Novelli:

Como método quantitativo, a pesquisa de opinião ou survey, como também é conhecida, possibilita a coleta de vasta qualidade de dados, podem-se destacar a possibilidade de que a investigação do problema ocorra em ambientes reais, sem a necessidade de se lançar mão de recursos de laboratório, a viabilidade de realização de análises estatísticas de variáveis como dados sociodemográficos, de atitude, entre outras.(In ROMERO, 2005, p.164)

2.2.2 PARADIGMA ESCOLHIDO

A proposta deste trabalho inicia a ruptura do paradigma atual. Porém, é importante salientar que para anunciar um novo paradigma é preciso aprofundamento exaustivo sobre o assunto, incluindo pesquisas em textos publicados no exterior, situação não contemplada neste trabalho.

Aqui é apresentado um indicativo para um novo paradigma na reportagem cinematográfica, sem a pretensão de ser um marco no assunto, mas sim um sinalizador, que indica a necessidade de estudar com maior profundidade a atuação do repórter cinematográfico.

2.2.3 ESTRATÉGIA DE VERIFICAÇÃO

Para saber o que pensam os jornalistas de imagem, que atuam como repórter cinematográfico, sobre a criação de uma disciplina que estude a sua atividade, foi utilizada a pesquisa de opinião em forma de questionário.

A elaboração desse questionário levou em consideração a vida agitada e com pouco tempo livre dos jornalistas de televisão. O texto introdutório explica os motivos do questionário, em seguida sete perguntas, com quatro respostas fechadas e uma aberta, procura obter informações sobre escolaridade, tempo de trabalho em televisão; trajetória profissional; opinião sobre a necessidade de formação acadêmica para o repórter fotográfico; deficiências dos jornalistas que chegam à redação; quais os temas que deveriam ser abordados na disciplina “Reportagem Fotográfica” e o que o repórter cinematográfico deve saber para exercer com excelência a profissão.

2.2.4 INSTRUMENTOS

A razão da escolha do questionário relaciona-se com o fato de ser uma forma segura e relativamente rápida de se conhecer a opinião do pesquisado, sobre o assunto em questão. Apesar de ter resultados limitados a resposta dada às perguntas formuladas, o questionário apresenta virtudes e deficiências. Dencker apresenta os pontos positivos e negativos do questionário.

Em relação à situação particular deste trabalho pode-se destacar como vantagem o baixo custo para a aplicação, o anonimato do pesquisado e a possibilidade de um número maior de participantes. As desvantagens do questionário, para este trabalho, é a necessidade de formular perguntas com

baixa complexidade para que não ocorram dúvidas nem ultrapasse a capacidade de entendimento do pesquisado. (DENCKER, 2001, p 162)

2.2.5 SUJEITOS

Os sujeitos escolhidos foram os editores de telejornais e repórteres cinematográficos. A escolha dos editores dá-se pelo fato de serem eles os responsáveis pela edição de informações textuais e visuais dos respectivos telejornais. Também são eles responsáveis pela indicação de contratação dos jornalistas de imagem.

Já os repórteres cinematográficos foram escolhidos como sujeitos por que são os principais interessados no resultado desta pesquisa. A opinião deles foi fundamental para se entender o problema.

2.2.6 PROCEDIMENTOS/OPERACIONALIZAÇÃO

2.2.6.1 Cronograma

O cronograma deste trabalho respeita a agenda da instituição. No mês de julho foi definido o objeto a ser pesquisado. No mês seguinte esta escolha foi discutida com o orientador que já indicou os primeiros caminhos para a pesquisa. Logo em seguida (setembro) foi iniciada pesquisa bibliográfica no acervo da biblioteca do centro universitário UniCEUB e na internet. Outubro foi o mês de aplicação de questionário e elaboração do texto para a defesa no mês de novembro. Abaixo a tabela ilustra a cronologia de trabalho.

| ETAPA | PERÍODO | | | | |
|------------------------------------|---------|--------|----------|---------|----------|
| | JULHO | AGOSTO | SETEMBRO | OUTUBRO | NOVEMBRO |
| Formulação do objeto | x | | | | |
| Pesquisas iniciais | | X | | | |
| Discussão do objeto com orientador | | X | | | |
| Pesquisa bibliográfica | | | X | | |

| | | | | | |
|---------------------------|--|--|---|---|---|
| Aplicação de questionário | | | | x | |
| Redação da monografia | | | X | x | |
| Defesa da monografia | | | | | X |

2.3 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

2.3.1 ANÁLISE DOS DADOS

O questionário aplicado neste trabalho teve o objetivo de conhecer a opinião dos repórteres cinematográficos e seus editores quanto à proposta de criação da disciplina “Reportagem cinematográfica” no currículo do curso de jornalismo.

Participaram da pesquisa onze profissionais. Todos trabalham em Brasília, em diversas emissoras de TV com sede ou filial na capital da república. Dois deles possuem curso superior (Administração, História). Os demais possuem nível médio de escolaridade. Isto acontece em virtude da obrigatoriedade de, no mínimo, Ensino Médio para obter o registro profissional.

Entre os participantes um trabalha há treze anos como repórter cinematográfico, três há quinze anos, dois há dezoito anos, outros dois há vinte anos e mais dois há vinte cinco anos. Apenas um atua há mais de trinta anos na produção de imagens para a televisão. Estes dados revelam um pequeno número de novos profissionais.

É importante observar que a trajetória da carreira de repórter cinematográfico inicia nas funções auxiliares como foi observado no item três do questionário. Dois participantes iniciaram a carreira como estagiário e três como trainee. Sete declararam ter passado pela função de auxiliar de câmera, seis iniciaram a carreira como motorista, três operaram os equipamentos que fazem o link entre a equipe de externa e a emissora. Seis já trabalharam como câmera de estúdio, quatro já foram chefes de equipe e apenas um trabalha como repórter cinematográfico especial. Este possui trinta anos de experiência e atua como instrutor para novos profissionais.

Em relação à importância da formação em jornalismo, dois acreditam que o curso de jornalismo é importante para o conhecimento de técnicas de reportagem e conceitos do jornalismo, outros dois informaram que a graduação é importante, pois equipara o repórter cinematográfico ao repórter de texto. Com opinião contrária assinalaram oito participantes. Eles acreditam que a prática no dia-a-dia é a melhor escola de jornalismo, porém dois participantes indicaram que a faculdade só ensina a teoria, e um afirma que qualquer curso superior contribui para um melhor desempenho na profissão.

Quanto às deficiências dos jornalistas que chegam à redação de TV, oito participantes afirmaram que existe falta de conhecimento das técnicas de filmagem; um acredita que falta critério na escolha de assuntos e personagens; quatro assinalaram que o jornalista iniciante possui uma falsa idéia de que sabe mais, em relação ao repórter cinematográfico; dois apontam o despreparo para definir o que deseja para ilustrar as reportagens como uma deficiência do iniciante e um acredita que a falta de interação entre os profissionais dificulta o trabalho.

Em relação à disciplina “Reportagem Cinematográfica”, todos os participantes acreditam que ela é importante na formação do jornalista. Oito profissionais assinalaram que o valor da imagem na notícia é um tema a ser tratado nesta disciplina; cinco apontaram a técnica de filmagem; três o conhecimento de equipamentos e a iluminação.

Na penúltima questão os participantes indicaram o que é preciso para exercer adequadamente a profissão de repórter cinematográfico. Cinco assinalaram que o conhecimento de técnicas jornalísticas é importante; oito acreditam que é preciso conhecimento técnico do equipamento; sete apontaram o conhecimento de iluminação; quatro a sonorização; dois a legislação que regula o jornalismo; seis a ética profissional; dois acreditam que conhecimentos de fotografia ajudam no trabalho cinematográfico. Dois participantes escreveram que o inglês básico, a capacidade de relacionamento, a leitura e o conhecimento de autoridades são importantes para o desempenho da profissão.

Para finalizar, o questionário pergunta ao participante se ele conhece algum livro ou outro tipo de publicação, que fale especificamente da reportagem cinematográfica. Cinco assinalaram que sim, mas apenas um deles escreveu o nome da publicação: Manual da Rede Globo de jornalismo. Publicação interna, distribuída entre os funcionários durante os cursos de aperfeiçoamento. Este manual é uma cartilha com as normas que balizam o “padrão Globo” de jornalismo. Nela os jornalistas conhecem o que a empresa considera como certo e errado na produção de texto e imagem.

O questionário ratificou a proposta de criação da disciplina “Reportagem Cinematográfica”. Indicou também a preocupação do profissional com questões conceituais, como a ética. Salientou ainda a necessidade do entendimento da imagem como objeto de informação jornalística e a importância do estudante de jornalismo conhecer as técnicas de filmagem, para elaborar melhor as reportagens audiovisuais.

3 CONCLUSÃO

O presente trabalho teve como objetivo a defesa da criação de uma nova disciplina no curso de jornalismo do centro universitário UniCEUB. Porém, a pesquisa sobre as disciplinas oferecidas no curso de jornalismo dessa instituição mostrou que a proposta deste trabalho é apenas a ponta de um grande *iceberg*, submerso num mar de incertezas quanto ao futuro do jornalismo neste momento de rápidas mudanças, impulsionadas pelo avanço tecnológico.

A conclusão a que se chega é que a estrutura atual do curso de jornalismo do centro universitário UniCEUB é voltada para o ensino de como fazer jornalismo para mídia impressa. Principalmente quando o assunto é jornalismo de imagem. Este argumento se baseia no fato de que a única disciplina prática, que desperta a atenção efetiva da coordenação do curso de jornalismo é a que cuida do jornal laboratório. Atenção que pode ser justificada pela obrigatoriedade feita pela legislação, pelos custos de impressão do jornal

ou mesmo pela amplitude da distribuição deste. Contudo, se forem contabilizados os investimentos feitos com instalações, salário de funcionários cinegrafistas e editores de vídeo, equipamentos de filmagem, acessórios e computadores de edição não-linear, é possível concluir que a disciplina Telejornalismo demanda custos iguais ou até superiores aos aplicados no Jornal Laboratório. Em relação à distribuição, é um equívoco imaginar que os telejornais produzidos pelos alunos ficam restritos aos computadores da instituição. Em tempos de internet a distribuição de mídias eletrônicas é infinitamente maior que a observada nas mídias impressas, basta que haja motivação entre os alunos para que ocorra isso.

As hipóteses inicialmente apresentadas se confirmam nesta conclusão de trabalho. Porém, a proposta para a criação de uma disciplina que ensine os fundamentos da reportagem cinematográfica parece, neste momento, uma gota no oceano diante das dificuldades vividas pelo jornalismo eletrônico. Entre estas dificuldades pode-se apontar a perda de credibilidade que os telejornais apresentam junto a opinião pública, o desrespeito sofrido pelos profissionais da imprensa em relação aos direitos trabalhistas, o aumento sem precedentes da oferta de mão de obra, em oposição a redução de vagas no mercado de trabalho, especialmente nas redações, a acumulação de funções e tantos outros ataques ao exercício da profissão. Todas estas dificuldades jogam o jornalista num mar revolto e cheio de incertezas, quanto ao futuro da profissão.

Mais do que uma disciplina que ajude os futuros jornalistas de imagem a enfrentar os desafios da profissão, o curso de jornalismo do centro universitário UniCEUB necessita de uma profunda reflexão em torno dos novos caminhos que o jornalismo segue, em relação ao direcionamento dado para o curso.

Essa reflexão contribuiria para a elevação da qualidade do curso, sem que ocorra, necessariamente, um acréscimo nos investimentos feitos atualmente. Seria um redirecionamento da rota, com a utilização dos mesmos instrumentos materiais e humanos.

Vale lembrar, que assim como acabou o tempo das máquinas de datilografia e do filme fotográfico acabará o tempo dos jornais impressos

diários. Este tempo se aproxima com grande velocidade, seja por questões econômicas, ecológicas ou tecnológicas. O tempo cronológico para que isso aconteça não é possível mensurar, mas a certeza de que este momento chegará é indiscutível. Cabe à instituição preparar-se para ele, com o objetivo de cumprir sua missão de avançar rumo ao desafios do futuro. A sociedade agrade e os alunos também.

4 REFERÊNCIAS

ANDRADE, João batista de **O povo fala: um cineasta na área de jornalismo da tv brasileira.** São Paulo, SP: Senac, 2002.

BARROS, Antonio **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação.** São Paulo, SP: Atlas, 2005.

BISTANE, Luciana **Jornalismo de TV.** São Paulo, SP: Contexto, 2005.

BRASIL, Antônio Cláudio **Antimanual de jornalismo e comunicação. Ensaios críticos sobre jornalismo, Televisão e novas tecnologias.** São Paulo, SP: Senac, 2007.

CASTANHO, Maria Eugênia **O que há de novo na educação superior: do projeto pedagógico à prática transformadora.** Campinas, SP: Papirus, 2000.

CURADO, Olga **A notícia na TV: o dia-a-dia de quem faz telejornalismo .** São Paulo, SP: Alegro, 2002.

DENCKER, Ada de Freitas **Pesquisa empírica em ciências humanas (com ênfase em comunicação).** São Paulo, SP : Futura, 2001.

HOLANDA, Aurélio Buarque de **Miniaurélio Século XXI – o minidicionário da língua portuguesa.** Rio de Janeiro, RJ : Nova Fronteira, 2000.

LAVILLE, Chistian **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas.** Porto Alegre, RS: UFMG/Artmed, 1999.

MACHADO, Arlindo **A arte do Vídeo.** Tatuapé, SP: Brasiliense, 1988.

PASQUALE, Cipro Neto **Gramática da Língua portuguesa.** São Paulo, SP : Scipione, 2003.

SANTOS, Boaventura de Sousa **Um discurso sobre as ciências.** São Paulo, SP: Cortez, 2006.

Centro universitário UniCEUB **Programa das disciplinas do curso de Comunicação Social – Jornalismo.** Secretaria Geral, 2007

SITES PESQUISADOS

ASSOCIATION, **National Prees Photographers.** Disponível em <http://www.nppa.org/news_and_events/magazine/>. Acesso em 11 de outubro de 2007.

VIZEU, Alfredo, **O preocupante monopólio da notícia.** Disponível em <<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=363TVQ004>>. Acesso em 11 de outubro de 2007.

VALIM, Mauricio **A História da TV.** Disponível em <<http://www.tudosobretv.com.br/historia/historbr.htm>> Acesso em 22 de setembro de 2007.